



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de assinatura de ordens de serviço de obras do PAC em municípios do estado de Minas Gerais

Ribeirão das Neves – MG, 17 de abril de 2008

Meus queridos companheiros e companheiras de Minas Gerais,
Queridos companheiros das cidades que estão aqui representadas pelos seus prefeitos,

Queridos companheiros Ministros que estão aqui comigo,
Representantes do governo do estado de Minas Gerais, já que o governador Aécio está em uma viagem para buscar mais dinheiro para Minas Gerais,

Companheiros de Ribeirão das Neves,

Vocês estão percebendo que eu estou um pouco incomodado aqui, porque eu estava com uma dor que eu não podia virar o pescoço nem para lá e nem para cá. Agora, eu coloquei este negócio aqui, está me doendo o espinhaço e eu não sei mais o que fazer. Mas eu vou dizer algumas palavras para vocês.

Eu quero dizer aos prefeitos, primeiro, os meus agradecimentos, porque este projeto não sairia se vocês não tivessem trabalhado para apresentar os projetos e cumprir todas as exigências que o governo exige para que um projeto deste funcione. Deus está com tanta dó de mim que até colocou uma nuvem ali para o sol abaixar um pouco. Obrigado. Mas, ao mesmo tempo, pela nuvem, ele está dizendo: “Olha, Lula, eu te ajudei, mas fala pouco senão o sol volta”. Então, eu vou tomar cuidado aqui.

Mas, meus companheiros, primeiro eu quero dizer para vocês: vocês



viram este homem que falou antes de mim, o companheiro José Alencar. Este homem, o fato de ele estar aqui hoje é um ato de heroísmo dele. Era para ele se internar hoje para fazer os exames lá em São Paulo. Eu falei: Zé, por favor, vê se você consegue adiar e vamos lá para Minas Gerais, porque o povo de Ribeirão das Neves tem um coração muito grande e esse povo vai te receber com um carinho excepcional.

O José Alencar tem uma história que vale para qualquer um de nós. O José Alencar nasceu pobre como qualquer um de vocês, saiu de casa aos 14 anos, foi morar sozinho, dormiu em banco de praça, e hoje o José Alencar, além de ser vice-presidente, hoje não é mais empresário, porque passou para o filho, mas é um dos maiores empresários do nosso País. O exemplo de vida do José Alencar é um exemplo que pode ser seguido por cada um dos brasileiros, porque a gente não pode ter momento na vida para desanimar. Quando a coisa está ruim, a gente precisa ter mais esperança. Quando ela está boa, a gente comemora. E hoje é um dia de coisas boas. Porque hoje nós viemos aqui dizer para vocês: até 2010, nós temos 28 bilhões de reais para investir em Minas Gerais. Uma parte é dinheiro emprestado que o governo do estado tomou da Caixa Econômica e do BNDES, outra parte são as prefeituras que tomaram dinheiro emprestado da Caixa Econômica e do BNDES, outra parte, como Ribeirão das Neves, é dinheiro do Orçamento da União, porque Ribeirão das Neves foi lá, chorou tanto que não podia pagar, que mexeu com o coração da Dilma e a Dilma fez com que nós estivéssemos aqui hoje assinando uma ordem de serviço para um conjunto de obras que equivale a 140 milhões de reais.

Eu duvido que, em alguma vez na vida, Ribeirão das Neves recebeu tanto dinheiro para fazer obras e cuidar da parte mais necessitada da cidade. Essa cidade aqui tem presídios, não porque o povo daqui comete algum crime. A maioria dos que estão aqui vieram de fora. Agora, além dos presídios, é preciso trazer para cá água, esgoto, escola, saúde, trabalho. Esta terra aqui,



companheiro José Alencar, é a terra onde nasceu Henfil, o grande Henfil, um dos maiores cartunistas deste País, que morreu precocemente.

A segunda coisa importante é que nesta cidade, José Alencar, as pessoas estão aí, o Prefeito disse que já tem um terreno para fazer uma escola técnica. Pois bem, eu quero assumir o compromisso com o Prefeito de que o governo federal vai federalizar e nós vamos fazer as escolas técnicas aqui em Ribeirão das Neves. Agora, eu estou pedindo para a minha assessoria anotar que eu assumi esse compromisso, porque eu preciso convencer o Ministro da Educação a fazer. Convencer, não, é mandá-lo fazer. Mas preciso lembrar, senão não dá certo.

Bem, companheira Dilma, aqui nesta cidade tem um bairro famoso chamado Rosa Neves. Nesse bairro, 70% dos moradores, sobretudo as crianças, sofrem de verminose por causa do esgoto que corre a céu aberto. Quem andar pelas travessas do Rosa Neves, onde não existe calçamento, onde quando chove ninguém sobe, mas também ninguém desce, e as crianças sequer vão à aula... Mais: não há esgoto. Aqui, o pessoal diz: “Não há quase nada, falta quase tudo”.

E, aí, quando você andar, você vai se surpreender com a existência de um jardinzinho florido na porta de um barraco ameaçado de deslizamento. Esse jardinzinho foi plantado por mãos brasileiras que não desistem nunca, que acham que uma flor pode brotar, mesmo no esgoto. Pois é a este povo que o PAC definiu prioridade total.

Andando mais um pouco no Rosa Neves, a gente vai encontrar uma travessa em que, de repente, você encontra um aposentado, com uma vassoura na mão, varrendo aquilo que nem podemos chamar de rua, em frente à sua casa que, na verdade, nem é uma casa direito. Se perguntarmos a este aposentado porque ele varre a rua, se tudo o que está em volta é tão feio, ele vai dizer: “Eu pinto a rua, varro a rua porque, se não varrer, tudo o que é feio vai ficar muito mais feio”. E, ainda mais, esse aposentado aponta ladeira acima



e diz que antes varria até lá adiante, mas que agora, pelo fato de estar doente, ele varre apenas a porta da sua casa. E este homem, meu caro Wallace, meu caro José Alencar e minha companheira Dilma, coordenadora do PAC, esse homem, ele quer notícias do PAC, e ele pergunta assim: “Será que um dia o governo vai olhar para este fim de mundo?”

Acontece que é justamente a este homem que o PAC se destina. Acontece, meu caro Pimentel, que este homem, que pensa que mora no fim do mundo, mora na região metropolitana de uma das principais capitais brasileiras, que é Belo Horizonte. Acontece que esse companheiro chama o lugar onde mora de “fim de mundo” porque, muitas vezes, os governantes deste País conseguem olhar o mapa e ver tudo, menos o que está perto dele, que é a maioria do povo trabalhador, a maioria do povo pobre, que precisa de tão pouco e que, às vezes, não recebe.

O PAC veio para mudar esta situação. Eu quero dizer para vocês que quando nós pensamos no PAC, nós resolvemos criar um conselho gestor. Eu disse agora há pouco, em Belo Horizonte: a Dilma é, na verdade, a mãe, a avó e a tia do PAC. Porque eu aprendi que se a gente anuncia uma obra e não fica atrás dela o tempo inteiro, essa obra não acontece. Pois bem, a Dilma coordena um conselho gestor do qual participam ela, o Ministro da Fazenda, o Ministro do Planejamento e o Ministro da área do PAC. Se é transporte, é o Ministro dos Transportes, se é cidade, é o Ministro das Cidades, se é integração, é Integração. E por que ela coordena? Porque senão, a gente anuncia o dinheiro, passa o mandato e o dinheiro não chega, ele não sai do Tesouro Nacional. Muitas vezes porque os prefeitos não têm experiência e não cumprem as exigências.

Pois bem. O governo do estado de Minas Gerais também tem um conselho gestor. Cada prefeitura tem o seu conselho gestor. O Ministério das Cidades tem o conselho gestor, a Caixa Econômica Federal tem o conselho gestor. Nós estamos cuidando do PAC como um pai e uma mãe responsáveis



cuidam dos seus filhos. Por mais que a gente ame os filhos da gente – e eu tenho cinco –, eles sempre tentam fazer uma malandragem para nós, tentam nos enganar, dizem que não vão, e vão, dizem que vão para um lugar, e vão para outro, falam que vão chegar às 10h, chegam às duas da manhã. O PAC, nós estamos tentando corrigir. Hoje, nós assinamos ordem de serviço, o dinheiro está no banco, a obra está contratada, a empresa está contratada. Amanhã, nós queremos ver as máquinas trabalhando. E em cada cidade, vocês precisam acompanhar, porque agora é época de eleição, agora é que vocês precisam descobrir quem é que esteve e está com vocês há muito tempo ou quem vai aparecer de última hora, achando que é um milagreiro. É nessa época – e eu estou muito à vontade porque não sou candidato a prefeito – mas é nessa época que pobre tem valor, porque tem gente que não gosta que eu diga isso. Mas, no dia da eleição, se tiver um pobre maltrapilho na fila e tiver um cidadão todo engravatado, podem ficar certos de que o candidato vai cumprimentar o que está maltrapilho. Agora, é importante cumprimentar, mas é importante, depois de ganhar, não esquecer das necessidades dos mais pobres. Porque, na verdade, o rico não precisa do governo. Por que o José Alencar vai precisar do governo? O José Alencar é rico. Eu não preciso do governo. Aqui, essas pessoas não precisam do governo, cada um mora em uma casa boa, com asfalto, com água, com luz, com escola, todo mundo aqui já tem isso. Quem é que não tem? É o povo pobre deste País. Então, o que nós precisamos é fazer uma reparação.

Há séculos que uma parte da sociedade é marginalizada: nasce pobre, de pai pobre, de mãe pobre, morre pobre, deixa filho pobre, que vai ter neto pobre. É preciso a gente corrigir. O pobre custa muito barato. O que um homem quer e uma mulher quer? A gente quer uma casa para morar, a gente quer que o filho da gente tenha escola para estudar, a gente quer emprego para trabalhar, a gente quer ter acesso a lazer, a gente quer ter o direito de chegar a uma universidade, porque filho de pobre também tem que estudar. É



por isso que nós estamos criando o ProJovem. Eu vi, ali, o companheiro levantar uma placa, que é do ProUni. Está ali o ProUni que já colocou 400 mil jovens da periferia para se formar doutores neste País.

Por isso, meus companheiros e companheiras, por obediência ao meu pescoço, que está doendo muito, eu quero dizer para vocês uma coisa: eu tenho mais dois anos e oito meses de mandato. Até o dia 31 de dezembro de 2010 eu quero dedicar cada minuto, cada hora da minha vida para ver se a gente consegue consertar este País que, durante décadas, alguns desmantelaram. Este País que é rico, este País que tem terra como nenhum outro, este País que tem água como nenhum outro, este País que tem um povo extraordinário e um povo ordeiro, não merecia ter a quantidade de pobres que tem. Durante décadas e décadas, as pessoas governaram apenas para um terço da população. Quem tinha mais, cada vez ficava com mais, e quem tinha menos, cada vez ficava com menos. Nós queremos equilibrar o País, nós queremos que tenha ricos, queremos que tenha classe média alta, classe média baixa, mas nós queremos que os pobres vivam decentemente e com dignidade neste País. Qualquer um de vocês, por mais humildes que sejam, que morem no Rosa Neves, qualquer um de vocês, vocês não estão pedindo favor ao Presidente da República, ao Governador do estado, ao Prefeito, vocês estão pedindo: pelo amor de Deus, cumpram com as suas obrigações, porque nós queremos apenas uma oportunidade de vencer na vida. Nos dêem essa oportunidade, que nós chegaremos lá. E o PAC é essa oportunidade.

Eu estava conversando com o Wallace e o Pimentel falou: “Ele emagreceu um pouquinho”. Eu falei: ótimo, ele vai ter que emagrecer muito mais, porque tem muita obra para ele fiscalizar agora, tem muita obra para ele correr, ele vai emagrecer.

Por isso, eu quero cumprimentar todos vocês que vieram de outras cidades, o povo de Ribeirão das Neves, que Deus nos abençoe, nos dê força. E não se preocupem com o meu pescoço. Quando ele quebrar e eu não



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

conseguir mais segurar a cabeça, eu vou pegar uma parte do pescoço de vocês e vou continuar falando e viajando por este País.

Um abraço, que Deus os abençoe. E até a inauguração das obras do PAC.

(\$211A)